



Jornalismo e jornalistas: uma discussão acerca do perfil do profissional

Maria Elisabete Antonioli¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de propiciar reflexões acerca da reconfiguração do jornalismo e do perfil do jornalista atual, tendo em vista as mudanças ocorridas com a chegada da Internet. Essa ocorrência acabou por propiciar novas competências para o jornalista e, conseqüentemente, alterou seu perfil que, hoje, se distancia muito do jornalista do século passado no que diz respeito à produção. É o chamado jornalista multifuncional, que participa ativamente de todo o processo de produção da notícia. Com referência à metodologia, além de uma pesquisa bibliográfica, optou-se por entrevistar oito experientes jornalistas, de veículos diversos, que contribuíram para discutir questões que afetam o jornalismo e os jornalistas na chamada sociedade da informação.

Palavras-chave: Internet; jornalismo; jornalista; jornalista multifuncional; rotinas de produção.

1. Introdução

O jornalismo na sociedade da informação se reconfigurou. O modo de produção das notícias foi substancialmente alterado com a chegada da Internet. Ressalta-se, também, nesse percurso, que a criação dos tipos móveis por Gutenberg na Alemanha, por volta de 1499 e, posteriormente, o desenvolvimento da revolução industrial e a racionalização do sistema produtivo com os modelos conhecidos como Taylorismo e For-

¹Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, com pós-doutorado na mesma instituição. É coordenadora e professora do Mestrado Profissional de Produção Jornalística e Mercado e do bacharelado em Jornalismo da ESPM. email: elisabeteantonioli@hotmail.com; mantonioli@espm.br

dismo no início do século XX, foram fundamentais para que houvesse transformações no jornalismo e nas práticas jornalísticas no mundo contemporâneo. Entretanto, tamanha foi a revolução que ocorreu com a chegada da Internet, que é possível constatar diferenças cruciais no modo de se produzir jornalismo nos períodos anterior e posterior a ela. Nota-se, também, que essas mudanças ainda estão ocorrendo e, mediante o célere desenvolvimento dos aparatos tecnológicos, muitas ainda deverão acontecer, proporcionando alterações nas rotinas de produção dos jornalistas que necessitam novas competências para o exercício da profissão. É um novo perfil que esse profissional detém, muito diferente daquele jornalista do século passado que, normalmente se especializava em uma única linguagem jornalística, ou seja, tinha suas atenções voltadas para uma única mídia. Hoje, temos o chamado jornalista multifuncional, que deve estar preparado para todo o processo jornalístico, produzir em diferentes linguagens midiáticas, conhecer e saber utilizar softwares, como também, se atualizar permanentemente no ambiente digital. Além disso, esse novo profissional deve se preparar para empreender novos negócios em jornalismo e não ser mais dependente profissionalmente apenas de grandes veículos. Nessa perspectiva, observa-se a importância do empreendedorismo na carreira dos jornalistas.

2. Anos de 1990: novos rumos para o jornalismo

No Brasil, a Internet foi disponibilizada comercialmente após a segunda metade da década de 1990. A partir de 1995 o país ganhou seu primeiro jornal *on line*, O jornal do Brasil. No ano seguinte, o Grupo Folha criou o Universo Online (UOL). Jornais e revistas criaram seus sites. Em 1997, o grupo IDG lançou o canal IDG Now em tempo real. A inclusão de som, imagem, hiperlinks, fotos em movimento, possibilidade de interação e a própria convergência midiática, acabaram por alterar radicalmente o fazer jornalístico. Mas é a partir do início do século XXI que o número de sites cresce vertiginosamente, apresentando notícias que acolhem textos, vídeo e áudio. Os jornais impressos também sofreram modificações e estenderam suas produções para a produção *on line*. No início, os jornais simplesmente transferiram suas versões impressas para o ambiente digital e, com o tempo, começaram a investir e produzir textos próprios para a *web*. Gradativamente, um novo modo de se fazer jornalismo foi desenvolvido, tendo em

vista as possibilidades advindas da Internet. Atualmente, softwares de texto, edição e publicação permitem que o profissional participe de todo o processo jornalístico. É o jornalista multifuncional e, nesse sentido, destaca-se a importância dos conhecimentos em informática e noções básicas de programação para que ele consiga desenvolver seu trabalho com propriedade. Como afirma Ignacio Ramonet (2012, p. 28), os webites e as ferramentas de comunicação inovadoras continuam a aparecer. De acordo com o pesquisador: “A massa de informações explode. As fontes de conteúdos passam por uma competição implacável. Em um tal contexto, o jornalismo tradicional literalmente desintegra-se.”

Nessa nova conjuntura, a utilização e expansão de ferramentas diferenciadas para as diversas linguagens jornalísticas, que se integram por meio da convergência tecnológica e proporcionam a interatividade, se constituíram nesse fenômeno midiático. Conforme Herreros (2005, p. 49):

El multimídia es integración del sistema audiovisual pleno, pero se difencia de él por la interactividad y a la interalación, la enorme capacidad de almacenamiento informativo, la complejidad de tratamiento, el nuevo mercado y los modos de uso: do massivo a lo personal.

Javier Galán (2011) diz que a Internet é um instrumento fantástico tendo em vista a produção e distribuição da informação e é indiscutivelmente positiva para a indústria, entretanto, Ramonet (2012, p. 21) lembra que “a confortável situação das mídias e dos jornalistas, em situação de monopólio da informação na sociedade, está chegando ao fim.” São novos tempos para o jornalismo e para os jornalistas. As redações dos veículos tradicionais diminuiram drasticamente o número de profissionais e, por sua vez, os veículos nativos digitais estão em busca de negócios sustentáveis economicamente. No centro do cenário se encontra o fazer jornalístico modificado diante dessa realidade. O jornalista, hoje, tem a sua disposição diversas facilidades para desenvolver o seu trabalho, mas, também, uma série de fatores provocam preocupações. As rotinas das redações se alteraram. Os jornalistas multifuncionais investigam, produzem, editam e publicam. O jornalismo em tempo real impõe uma agilidade e rapidez ao trabalho jornalístico nunca antes vista. A competitividade pelo furo, a participação do jornalismo nas redes sociais e o relacionamento com os leitores também fazem parte da rotina jornalística. Roseli Figaro (2013) se reporta a essa questão:

O tempo e o espaço, comprimidos pelas possibilidades das tecnologias de comunicação e de informação, foram assimilados nos processos de produção de modo a reduzir o tempo para a reflexão, a apuração e a pesquisa no trabalho jornalístico.

A pesquisadora ainda menciona questões relativas aos baixos salários, vínculos empregatícios precários, jornadas de trabalho extensas e exigências de atualização constante de ferramentas digitais. No tocante às competências, Fígaro cita as diversas plataformas como impressa, TV, rádio, Internet e suas diferentes linguagens: verbal, escrita, sonora, fotográfica, audiovisual, hipertextual. Para ela:

O tratamento da informação hoje de fácil acesso também é um desafio, aliás, o maior deles. O processo de seleção, análise e interpretação exige maturidade intelectual, profundo compromisso com a ética jornalística e com os fundamentos da produção do discurso jornalístico.

Sylvia Moretzsohn (2002) também aborda as condições para o fazer jornalístico atualmente. Segundo a pesquisadora, a velocidade da informação tem aspectos positivos e negativos, pois, por um lado dá ao profissional a oportunidade de acompanhar os fatos e divulgá-los em tempo real, mas, por outro, exige dele uma atuação sob pressão contínua, mediante os limites do tempo para a checagem e a própria competitividade em busca do furo.

Ainda, é interessante destacar que o documento mais importante publicado nos últimos tempos, “Jornalismo pós-industrial – adaptação aos novos tempos” pela Escola de Jornalismo da Columbia², aponta o alto ambiente de imersão no qual o jornalista atua, “adaptando sua rotina de trabalho a um mundo de conversação e informação contínuas, em tempo real – o que pode causar tanto cansaço quanto dispersão.” O documento aponta, também, que “a meta final desse envolvimento contínuo, no entanto, é a produção de jornalismo de qualidade, relevância e impactos elevados.”

São questões que dizem respeito às rotinas dos jornalistas nas redações atuais, que deverão ainda ganhar novos aportes, pois o desenvolvimento tecnológico segue de forma célere. Com relação aos modelos de negócios no mercado multiplataforma, que

² C. W. Andreson; BELL Emily; SHIRKY. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM- Edição Brasileira da Columbia Journalism Review**. São Paulo, Ano 2, n. 5, 2013, p. 53.

possam garantir aos jornalistas melhores condições de trabalho, ainda há um caminho a percorrer. É preciso lembrar da importância da independência do jornalismo, como também, sua credibilidade e sustentabilidade financeira. São novos desafios em tempos de Internet.

3. Jornalistas e jornalismo: questões sobre a profissão

As questões discutidas, nesta parte do presente trabalho, têm como escopo expor as opiniões de profissionais da imprensa em relação ao perfil do jornalista atual e as consequências da chegada da Internet para o jornalismo brasileiro.

Versatilidade, agilidade, precisão são algumas das características do jornalista atual, definidas por Milton Jung, que ressalta também o termo multiplataforma, como referência ao jornalista que deve ter a capacidade de adaptar seu produto a qualquer mídia. Na mesma linha, Antonio Rocha Filho afirma que existe uma questão emergente que são as habilidades exigidas para esse profissional, pois “sai de cena o jornalista que tinha como especialidade trabalhar em apenas uma plataforma (texto, áudio ou vídeo) e ganha espaço o profissional que sabe lidar bem com as várias mídias.” Conforme o jornalista, “todos os grandes grupos de comunicação têm produção de conteúdo em áudio, vídeo e texto, que é agregada em suas plataformas digitais, normalmente websites, e cuja divulgação é potencializada pelas redes sociais (as oficiais de cada veículo ou não).” Antonio Rocha Filho complementa, ainda, que é valorizado cada vez mais o jornalista que escreve bem, lida bem com gravações em áudio e em vídeo, além de saber divulgar esses conteúdos no ambiente digital. A importância da tecnologia também é lembrada por Celso Teixeira, como uma ferramenta auxiliar de conhecimento. Para ele “durante muitos anos apesar de os jornalistas estarem na vanguarda da informação, a categoria era reticente aos avanços da era digital. O ‘culto ao papel’ cheirava a corporativismo gráfico e receio de ser engolido pelas máquinas.” Para ele, agora a realidade é outra, os jornalistas estão inseridos no ambiente digital, mesmo que estejam ligados a mídias tradicionais como o rádio, a televisão e o impresso”. A convergência tecnológica possibilitou essa integração. O jornalista lembra que estamos diante da maior revolução tecnológica de todos os tempos. O computador, a Internet, os sistemas de telefonia, a televisão e o rádio provocaram novas formas de consumir informação, com mais velo-

cidade e por várias fontes distintas. Celso Teixeira reforça, também, que o jornalista atual precisa entender que essa agilidade não pode comprometer a qualidade da informação e da veracidade dos relatos. “É preciso combinar essa velocidade com a acuidade no trato de uma notícia.” No mesmo sentido, Ricardo Gandour salienta a necessidade de se investir em duas vertentes vocacionais: aprofundar-se nos fundamentos clássicos do jornalismo, aqueles que sempre existiram, independente da tecnologia; e, ao mesmo tempo, dominar as novas técnicas de pesquisa, de *data mining*, pelo menos entender o que fazem os algoritmos de busca e relacionamento digital. Ressalta, ainda, que “uma boa narrativa é e sempre será fundamental.”

O jornalista Gilberto Dimenstein lembra que, no contexto atual, todo cidadão é comunicante, é um transmissor de informação e muitos têm um grande alcance de pessoas e um impacto em tempo real com a utilização do facebook, por exemplo. “Então há um processo de desintermediação da informação. Agora, o jornalista precisa se destacar dessa disseminação violenta de senso comum de matérias imprecisas, não apuradas, mesmo por que, as pessoas não têm a obrigação de fazer isso. Então, a primeira coisa que vemos nesse manancial de informações, é o papel do jornalista que tenta buscar a aproximação maior possível da verdade com o maior número de ângulos”. O jornalista também enfatiza o trabalho de curadoria. “Nesse momento vivemos a era da curadoria e o jornalista tem que ser o grande curador. É tanta informação que é preciso um trabalho de curadoria”, complementa.

Eugênio Buci, ao comentar sobre o perfil do jornalista, ressalta que não está se referindo ao assessor de imprensa que, para ele, exerce outra profissão. Segundo Buci, há um incremento do componente autoral do jornalista no campo de atividade. “A opinião pesa mais. Novos canais (blogs e sites que se valem de trabalho voluntário, jornalismo cidadão e coisas assim) reconfiguraram também a independência dos praticantes em relação aos parâmetros adotados pela chamada “grande imprensa”. Assim, a diversificação que se verifica hoje tem a ver com esses aspectos, e tem sido fortemente impactada pelos novos padrões tecnológicos”. Por outro lado, o jornalista lembra da questão da precarização das condições de trabalho nas maiores redações “que forçou a um rebaixamento salarial e acarretou um empobrecimento da qualificação daqueles que exercem a função.” Nessa mesma linha de raciocínio, Leão Serva afirma que o perfil do

jornalista profissional hoje está mais “baixo”, menos culto e socialmente menos significativo. Ele afirma que isso parece ser um reflexo da redução de cargos e salários nas empresas jornalísticas, que acabam acumulando gente menos experiente e, ao mesmo tempo, com menos fontes de experiência referencial no ambiente das redações para compartilhar e aprender. Ainda sobre o perfil do jornalista, João Paulo Charleaux salienta que as redações atualmente convivem com os jornalistas mais velhos, que tiveram contato com redações de jornais impressos e com os jovens que já nasceram dentro do jornalismo como um produto feito para circular prioritariamente nas redes sociais. Para ele, tantos os mais velhos assim como os mais jovens “são dois seres angustiados, pois vivem um momento de transição. “ É exatamente sobre a questão de gerações que Caio Tulio Costa discorre, pois acredita que “o jornalismo enfrenta uma disputa geracional muito acirrada em função de um novo perfil necessário para cumprir a função clássica com a independência, criticidade e capacidade investigativa necessárias à profissão.” Conforme o jornalista, a geração analógica, composta por profissionais com mais de 35-40 anos tem um perfil tradicional: o jornalista apura, escreve e edita; o diagramador diagrama; o fotógrafo tira fotos etc.. Já a geração digital, com até 35 anos é multitarefa, pois apura, escreve, edita, fotografa, produz vídeos, infográficos, artes, e alguns até programam em html. De uma forma geral, Caio Tulio Costa diz que “para sobreviver na seara digital requer-se não somente um profissional com boa formação humana e domínio técnico do ofício, como capacidade não só com o texto, mas com o audiovisual – além dos rudimentos de programação web.” Ricardo Fotios também se refere a questões que envolvem programação. Para ele “o jornalista da era hiperconectada tem um perfil voltado para apuração primária a partir de banco de dados (cálculos, números), para produção em multimídia (texto, imagens e áudio) e com visão de distribuição por diferentes meios (sites, celulares, redes sociais e buscadores).” Nesse sentido, o jornalista afirma que a familiaridade com desenvolvimento de softwares também é desejável.

Essas alterações na forma de se fazer jornalismo, assim como, as condições salariais dos jornalistas, lembradas por Eugênio Buci e Leão Serva, são consequências do impacto tecnológico, principalmente, com a chegada da Internet que, conforme afirma Milton Jung, não surgiu para substituir os demais veículos de comunicação, mas sim, para dar nova dimensão a eles. Para Milton Jung, o rádio é um grande exemplo disto.

“Hoje, emissoras de São Paulo são ouvidas no Japão; emissoras do Rio Grande do Sul são ouvidas em São Paulo, e assim por diante. E tudo com um clique no celular ou no tablet ou no notebook ou no computador de mesa.” Além das novas plataformas, a Internet propiciou também um vertiginoso aumento do número de leitores, de acordo com Leão Serva que, afirma ainda, que ao mesmo tempo, para o consumidor, “tem resultado em um apressamento do consumo de cada conteúdo jornalístico em cada plataforma e a possibilidade (teórica) de acesso a um universo imensamente maior desses conteúdos.” De acordo com Celso Teixeira, as novas plataformas e mídias que surgiram no mundo digital oferecem novas oportunidades aos jornalistas. Para ele, “o ambiente digital dá oportunidades de construção de canais independentes e exclusivos de produção de artigos, reportagens, críticas, análises, vídeos, áudios, entrevistas, blogs, vlogs e formas de comunicação que vão surgir ao longo da evolução do meio.

Gilberto Dimenstein lembra que antigamente o jornalista terminava sua jornada na redação e ia cuidar de sua vida pessoal. Hoje não. É preciso estar em alerta 24 horas. O jornalismo é em tempo real e a importância para tudo isso é a internet no celular. Já Antonio Rocha Filho afirma que a Internet foi e continua sendo uma revolução para a profissão e para quem a exerce. O jornalista lembra das facilidades, como também, da quantidade de informações disponíveis. “É possível ter acesso a informações com um clique, mas também é preciso se embrenhar em meio a um universo de dados para separar o que é de real interesse para a sociedade e tem respaldo para ser publicado, do que não passa de bobagem e especulação.” Para Caio Tulio Costa a Internet “significou e significa uma ruptura no modelo tradicional de jornalismo, baseado na tradicional cobertura de publicação dos fatos ocorrido na jornada. Agora estamos em tempo real, de publicações minuto a minuto. Isso não elimina a independência, a criticidade, a mediação dos fatos e a capacidade investigativa – fundamentais para que se possa fazer jornalismo.” João Paulo Charleaux se refere a uma revolução, pois para ele, a Internet “revolucionou todas as etapas de produção da notícia, mas, principalmente, sua distribuição, o que impactou no modelo de negócio e deixou tudo de pernas para o ar”. Ainda sobre esse tema, Ricardo Gandour comenta sobre a facilidade de execução do trabalho jornalístico com a Internet, tendo em vista o acesso a bases de dados e fatos a qualquer tempo e lugar, o que amplia as possibilidades de apuração. “ Ou seja, possibilita executar o

trabalho muito melhor.” Gandour também comenta que “a Internet significou a quebra da primazia que o jornalista tinha de ser o detentor quase exclusivo da informação. Isso contribuiu para chacoalhar os jornalistas, fazendo-os sair de um pedestal frequentemente arrogante e encastelado.” Eugênio Bucci destaca que a Internet é uma revolução tectônica. Segundo o jornalista, isso é mais ou menos a mesma coisa para vários outros campos da vida social e para o mercado. “O modelo de negócio mais convencional do jornalismo entrou numa crise sem retorno. Os modelos terão de ser reinventados.” Ele também chama atenção para uma questão considerada crucial para a classe jornalística. A partir da chegada Internet, os jornalistas se beneficiaram de novas possibilidades de se fazer jornalismo mas, em contrapartida, os novos modelos de negócios nativos no ambiente digital ainda não se encontram sustentáveis economicamente, além dos veículos tradicionais que foram impactados e precisaram se readaptar e se inserir no ambiente digital.

Ao final, Ricardo Fotios afirma: “o que parecia anunciar o fim do jornalismo - ao possibilitar que qualquer pessoa com acesso à Internet pudesse produzir e distribuir informação - mostrou-se, mais recentemente, uma grande ferramenta de trabalho que aproxima o jornalista de suas funções básicas para dar visibilidade a fatos e opiniões independentes dos poderes econômico e político estabelecidos.” Para ele, o ecossistema do jornalismo foi alterado e ganhou novos atores, mas o jornalista tem acesso a ferramentas que possibilitam desempenhar suas atividades de forma mais rápida, mais correta e mais ética, se assim desejar.

4. Considerações finais

Como últimas reflexões, reitera-se que, no trabalho apresentado, foram externalizados alguns pensamentos de experientes jornalistas profissionais que vivenciaram a chegada da Internet no Brasil e seus impactos no jornalismo, e continuam participando ativamente da produção jornalística em diferentes empresas³. Observa-se, tendo em vis-

³ Antonio Rocha Filho - Diretor-executivo da Entrelinhas Comunicação; Celso Freitas - Diretor de Comunicação da Rede Record; Caio Tulio Costa – Idealizador da plataforma de monitoramento Torabit; Eugênio Bucci – Colunista da revista Época e do jornal O Estado de S. Paulo; Gilberto Dimenstein - Idealizador do site Catraca Livre; João Paulo Charlot – Jornalista do Nexo Jornal; Ricardo Fotios - Gerente geral de conteúdo do UOL; Ricardo Gandour - Diretor de conteúdo do Grupo Estado.

ta o que os jornalistas pontuaram em suas declarações, bem como os referenciais teóricos de pesquisadores citados, a importância da apuração precisa, da qualidade da informação prestada, da veracidade do relato jornalístico que sempre fizeram parte do processo jornalístico, independente das tecnologias, pois são inerentes ao processo de produção. A chegada da Internet não eliminou esses quesitos, que devem estar presentes sistematicamente no fazer jornalístico, mas possibilitou novas formas de produção, agilidade, instantaneidade, convergência entre mídias, interação com leitores, facilitação na apuração e na pesquisa. Essas novas possibilidades de se fazer jornalismo acabaram, também, por provocar a necessidade de novas competências para o jornalista que, hoje, além de trabalhar com softwares para pesquisa de dados, muitas vezes detém sozinho todo o processo jornalístico, ou seja ele apura, redige, edita e publica. Considera-se, então, que entre as competências previstas, estão aquelas que o jornalista tradicionalmente carrega em seu perfil, ou seja, apurar, redigir, editar e ser responsável eticamente, tendo em vista a produção jornalística de qualidade, como também, estar preparado para multifunções na redação, ser criativo, empreendedor e ter conhecimentos básicos de programação, além do domínio de softwares.

Os valores do jornalismo prevalecem nos dias atuais, mas nas rotinas de trabalho do jornalista novos procedimentos foram e estão sendo criados, a partir da chegada da internet, que alteraram o perfil do profissional. Nessa perspectiva, deve ser constante preocupação dos cursos de jornalismo a atualização dos seus currículos, no sentido de formação de um egresso que esteja suficientemente preparado para o fazer jornalístico. É o jornalista multifuncional que marca presença no século 21.

Referências

C. W. Andreson; BELL Emily; SHIRKY. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM- Edição Brasileira da Columbia Journalism Review**. São Paulo, Ano 2, n. 5, 2013.

FIGARO, Roseli. **As Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

GALÁN, Javier. Credibilidad y confianza como oferta desde los medios de comunicación. In: **Conexiones**. Revista Iberoamericana de Comunicación. Vol. 3 n. 2, 2011.

HERREROS, Mariano Cebrián. **Información Multimedia**. Soportes, lenguaje y aplicaciones empresariales. Madrid: Pearson Educación, 2005.

LÓPEZ, Xosé; OTERO, Marita. Ciberperiodismo: de la niñez a l mayoría de edad. In: **Sistemas Digitales de Información**. LÓPEZ, Xosé (coord.). Madrid: Pearson Educación, 2006.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do Jornalismo**: Das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.